



A Santa Sé

SOLENE RITO DE CANONIZAÇÃO DE SÃO MAXIMILIANO MARIA KOLBE

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Praça de São Pedro

Domingo, 10 de Outubro de 1982

1. "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos" (*Jo 15, 13*).

A partir de hoje a Igreja deseja chamar "Santo" um homem a quem foi concedido realizar de maneira absolutamente literal as referidas palavras do Redentor.

De facto, no final de Julho de 1941, quando por ordem do chefe do campo foram colocados em fila os prisioneiros destinados a morrer de fome, este homem, *Maximiliano Maria Kolbe*, apresentou-se espontaneamente, declarando-se pronto a morrer em substituição a um deles. Esta disponibilidade foi acolhida, e ao Padre Maximiliano, após mais de duas semanas de tormentos por causa da fome, foi enfim tirada a vida com uma injeção mortal, a 14 de Agosto de 1941.

Tudo isto ocorreu no *campo de concentração de Auschwitz*, onde foram levadas à morte durante a última guerra cerca de quatro milhões de pessoas, entre as quais também a Serva de Deus Edite Stein (a carmelitana Irmã Teresa Benedita da Cruz), cuja causa de Beatificação está em andamento junto da competente Congregação. A desobediência a Deus, Criador da vida, que disse "não matarás", causou nesse lugar o imenso morticínio de tantos inocentes. Contemporaneamente, então, a nossa época permaneceu assinalada de maneira tão horrível pelo *extermínio do homem inocente*.

2. Padre Maximiliano Kolbe, sendo também ele um prisioneiro do campo de concentração, reivindicou, em lugar da morte, o direito à vida de um homem inocente, um dos quatro milhões. Este homem (Franciszek Gajowniczek) vive ainda e está presente entre nós. *Padre Kolbe*

reivindicou em favor dele o direito à vida, ao declarar a disponibilidade de morrer em lugar dele, porque era um pai de família e a sua vida era necessária aos seus entes queridos. Padre Maximiliano Maria Kolbe reafirmou assim o direito exclusivo do Criador à vida do homem inocente e deu *testemunho a Cristo e ao amor*. Escreve de facto o apóstolo João: "Nisto conhecemos a caridade: Ele (Jesus) deu a Sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos" (1 Jo 3, 16).

Dando a sua vida por um irmão, Padre Maximiliano, que a Igreja já desde 1971 venera como "beato", de modo particular *tornou-se semelhante a Cristo*.

3. Nós, portanto, que hoje, domingo 10 de Outubro, nos reunimos diante da basílica de São Pedro em Roma, desejamos exprimir o especial valor que aos olhos de Deus tem a morte por martírio do Padre Maximiliano Kolbe:

"É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos Seus fiéis" (SI 115/116 15), assim repetimos no salmo responsorial. Verdadeiramente é preciosa e inestimável! Mediante a morte que Cristo sofreu na Cruz completou-se a redenção do mundo pois esta morte tem o valor do amor supremo. Mediante a morte, sofrida pelo Padre Maximiliano Kolbe, um límpido sinal deste amor foi renovado no nosso século, que em grau tão elevado e de múltiplos modos é ameaçado pelo pecado e pela morte.

Eis que, nesta solene liturgia da canonização, parece apresentar-se entre nós aquele "mártir do amor" de Oswiecim (como o chamou Paulo VI) e dizer:

"eu sou Vosso servo, Senhor, sou Vosso servo nascido da Vossa serva, a quem quebrastes as cadeiras" (SI 115/116, 16).

E, quase recolhendo num só *o sacrifício de toda a sua vida*, ele, sacerdote e filho espiritual de São Francisco, parece dizer:

"Que darei eu ao Senhor por todos os Seus benefícios?"

Elevarei o cálice da salvação invocando o nome do Senhor" (SI 115/116, 12 s.).

São, estas, palavras de gratidão. A morte sofrida por amor, em lugar do irmão, é um acto heróico do homem mediante o qual, juntamente com o novo Santo, glorificamos a Deus. D'Ele de facto provém a Graça de tal heroísmo, deste martírio.

4. *Glorificamos portanto, hoje, a grande obra de Deus no homem*. Diante de todos nós, aqui reunidos, Padre Maximiliano Kolbe eleva o seu "cálice da salvação", no qual está contido o *sacrifício de toda a sua vida*, ratificada com a morte de mártir "por um irmão".

Para este definitivo sacrifício, Maximiliano preparou-se seguindo a Cristo desde os primeiros anos da sua vida na Polónia. Daqueles anos provém o misterioso sonho de duas cordas: uma branca e outra vermelha, entre as quais o nosso santo não escolhe, mas aceita as duas. Desde os anos da juventude, de facto, permeava-o um grande *amor por Cristo e o desejo do martírio*.

Este amor e este martírio acompanharam-no na vocação franciscana e sacerdotal, para a qual se preparava tanto na Polónia como em Roma. Este amor e este desejo seguiram-no através de todos os lugares do serviço sacerdotal e franciscano na Polónia, e também do serviço missionário no Japão.

5. A inspiração de toda a sua vida foi a *Imaculada*, à qual confiava o seu amor por Cristo e o seu desejo de martírio. No mistério da Imaculada Conceição manifestava-se diante dos olhos da sua alma aquele *mundo* maravilhoso e sobrenatural da *Graça de Deus* oferecida ao homem. A fé e as obras de toda a vida do Padre Maximiliano indicam que ele entendia a sua colaboração com a Graça divina como uma milícia sob o sinal da *Imaculada Conceição*. A *característica mariana* é particularmente expressiva na vida e na santidade do Padre Kolbe. Com esta característica foi marcado também todo o seu apostolado, tanto na Pátria como nas missões. Na Polónia e no Japão foram centro deste apostolado as especiais cidades da Imaculada ("Niepokalanow" polaco, "Mugenzai no Sono" japonês).

6. *Que aconteceu no Bunker da fome no campo de concentração em Oswiecim (Auschwitz), a 14 de Agosto de 1941?*

A isto responde a presente liturgia: "Deus provou" Maximiliano Maria "e achou-o digno de Si" (cf. *Sab* 3, 5). Provou-o "como ouro na fornalha e aceitou-o como holocausto" (cf. *Sab* 3, 6).

Embora "aos olhos dos homens tenha sido atormentado", todavia "a sua esperança está cheia de imortalidade", pois "*as almas dos justos estão na mão de Deus* e nenhum tormento as tocará". E quando, humanamente falando, lhes chegam o tormento e a morte, quando "aparentemente estão mortos aos olhos dos insensatos...", quando "a sua saída deste mundo é considerada uma desgraça...", "eles estão em paz": eles experimentam a vida e a glória "na mão de Deus" (cf. *Sab* 3, 1-4).

Tal *vida* é fruto da morte à semelhança da morte de Cristo. A *glória* é a participação na Sua ressurreição.

Que aconteceu, então, no Bunker da fome, no dia 14 de Agosto de 1941?

Cumpriram-se as palavras dirigidas por Cristo aos Apóstolos para que "fossem e dessem fruto e o seu fruto permanecesse" (cf. *Jo* 15, 16).

De modo admirável perdura na Igreja e no mundo o fruto da morte heróica de Maximiliano Kolbe!

7. Para quanto ocorreu no campo de "Auschwitz" olhavam os homens. E embora aos olhos deles devesse parecer que "tivesse morrido" um companheiro de tormento, e de *maneira humana* pudessem considerar "a sua saída" como "uma desgraça", todavia na consciência deles esta não era *simplesmente "a morte"*.

Maximiliano não morreu, mas "deu a vida... pelo irmão".

Manifestava-se nesta morte, terrível sob o ponto de vista humano, toda a definitiva *grandeza do acto humano* e da escolha humana: ele, por amor, ofereceu-se espontaneamente à morte.

E nesta sua morte humana manifestava-se o transparente *testemunho* dado a Cristo:

o testemunho dado em Cristo à dignidade do homem, à santidade da sua vida e à força salvífica da morte, na qual se manifesta o poder do amor.

Precisamente por isto a morte de Maximiliano Kolbe se tornou um *senal de vitória*. Foi esta a vitória alcançada sobre o inteiro sistema do desprezo e do ódio para com o homem e o que é divino no homem, vitória semelhante àquela obtida por Nosso Senhor Jesus Cristo no Calvário.

"Vós sereis Meus amigos se fizerdes o que Eu vos mando" (*Jo 15,14*).

8. A Igreja aceita este *senal de vitória*, obtida mediante a força da Redenção de Cristo, com veneração e gratidão. Procura decifrar a sua eloquência com toda a humildade e amor.

Como sempre, *quando proclama a santidade* dos seus filhos e das suas filhas, assim também neste caso, ela procura agir com toda a precisão e a responsabilidade devidas, penetrando em todos os aspectos da vida e da morte do Servo de Deus.

Todavia a Igreja deve, ao mesmo tempo, estar atenta, entendendo o sinal da santidade dado por Deus no seu Servo terreno, para não deixar *perderem-se a sua plena eloquência e o seu significado definitivo*.

E por isso, ao julgar a causa do Beato Maximiliano Kolbe tiveram de ser tomadas em consideração — já depois da beatificação — as inúmeras vozes do Povo de Deus, e sobretudo dos nossos Irmãos no episcopado, tanto da Polónia como também da Alemanha, que pediam fosse Maximiliano Kolbe proclamado santo como mártir.

Diante da eloquência da vida e da morte do Beato Maximiliano, *não se pode não reconhecer* o que parece constituir o principal e essencial conteúdo do *senal* dado por Deus à Igreja e ao mundo

na sua morte.

Não constitui esta morte enfrentada espontaneamente, por amor ao homem, um particular *cumprimento das palavras de Cristo?*

Não torna ela Maximiliano *particularmente semelhante a Cristo*, Modelo de todos os Mártires, que na Cruz dá a própria vida pelos irmãos?

Não possui precisamente tal morte uma especial e penetrante *eloquência para a nossa época?*

Não constitui ela um *testemunho particularmente* autêntico da Igreja no mundo contemporâneo?

9. E por isso, em virtude da minha autoridade apostólica decretei que Maximiliano Maria Kolbe, venerado que era como Confessor a partir da Beatificação, fosse de agora em diante venerado *também como Mártir!*

"É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos Seus fiéis!".

Amém.

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana